

Pedagogia da alternância no Espírito Santo: o projeto profissional e os impactos na vida dos jovens camponeses

Rosane Rosa Dias Fernandes

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) – Colatina, Espírito Santo, Brasil.

e-mail: rosanerosadias@gmail.com

Danielli Calabrez Martins

Movimento Promocional do Espírito Santo – Colatina, Espírito Santo, Brasil.

e-mail: danicalabrez@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada sobre o Projeto Profissional do Jovem, atividade de conclusão do Curso de Técnico em Agropecuária da Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola do Bley, em São Gabriel da Palha, no Espírito Santo. Como objetivo, busca identificar os impactos que o projeto profissional do curso proporciona na autonomia e na emancipação econômica e social do jovem camponês, tendo como referenciais teóricos Paulo Freire, Paulo Nosella, Jean-Claude Gimonet, dentre outros. Descreve a história da pedagogia da alternância, seus princípios e instrumentos pedagógicos, e debate a importância do plano de formação como documento norteador para estudantes das escolas família agrícola. Por meio de grupo focal, destaca os depoimentos de alunos egressos sobre o projeto profissional. Conclui que o Projeto Profissional aplicado nas unidades produtivas possibilita autonomia financeira ao jovem camponês e transformação da sua realidade.

Palavras-chave: Pedagogia da alternância; projeto profissional do jovem; camponês.

Pedagogy of alternance in the Espirito Santo: the professional project and the impacts on the life of young peasants

Abstract

This article presents the results of a research carried out on the Young Professional Project, a conclusion activity in the agricultural technician course in alternation pedagogy at Escola Família Agrícola do Bley, in São Gabriel da Palha, in the state of Espírito Santo. As the objective, it aims to identify the impacts that the professional project of the course provides on the autonomy, economic and social emancipation of the young peasant, having as theoretical frameworks Paulo Freire, Paulo Nosella, Jean-Claude Gimonet, among others. It describes the history of alternation pedagogy, its pedagogical principles and instruments, and debates the importance of the training plan as a guiding document for students of the agricultural family schools. Through a focus group, it highlights the testimonies of former students about the professional project. It concludes that the Professional Project applied in the productive units allows financial autonomy to the young peasant and the transformation of his reality.

Keywords: Pedagogy of alternation; youth professional project; farmer.

Pedagogía de alternancia en el Espirito Santo: el proyecto profesional y los impactos en la vida de los jóvenes campesinos

Resumen

Este artículo presenta los resultados de una investigación realizada en el Proyecto Joven Profesional, que concluye el curso de técnico agrícola en pedagogía de alternancia en la Escola Família Agrícola do Bley, en São Gabriel da Palha, Espírito Santo. Como objetivo, busca identificar los impactos que el proyecto profesional del curso brinda sobre la autonomía y la emancipación económica y social del joven campesino, teniendo como marco teórico a Paulo Freire, Paolo Nosella, Jean-Claude Gimonet entre otros. Describe la historia de la pedagogía de la alternancia, sus principios e instrumentos pedagógicos y debate la importancia del plan de capacitación como documento guía para los estudiantes de las escuelas agrícolas familiares. A través de un grupo focal, destaca los testimonios de los graduados sobre el proyecto profesional. Concluye que el Proyecto Profesional aplicado en las unidades productivas permite la autonomía financiera al joven campesino y la transformación de su realidad.

Palabras clave: Pedagogía de alternancia; proyecto profesional del joven; granjero.

Introdução

A Pedagogia da Alternância é uma metodologia utilizada para a educação de camponeses baseada na realidade rural e tem como objetivo a promoção do jovem agricultor e a transformação da vida dos camponeses.

O Projeto Profissional do Jovem é um instrumento pedagógico aplicado ao final do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio das escolas que têm como metodologia a Pedagogia da Alternância. Esse projeto é a culminância de uma formação integral que busca o desenvolvimento e o protagonismo do jovem camponês.

O presente texto tem como objetivo identificar os impactos que o projeto profissional do curso Técnico em Agropecuária da Escola Família Agrícola do Bley, localizada no interior do Espírito Santo, proporcionam na autonomia e na emancipação econômica e social do jovem camponês.

Paolo Nosella (2012) afirma que a iniciativa das Escolas Famílias Agrícolas vem acontecendo de maneira muito assistemática, faltando registros mais sistemáticos e formais que sirvam como instrumental de referência. Sendo assim, justifica-se a produção do artigo na intenção de fornecer informações sobre o retorno do projeto profissional para o jovem camponês.

Serviram como principais referências bibliográficas: Jean-Claude Gimonet, Paolo Nosella, Paulo Freire (2015), dentre outros.

O texto está organizado em quatro momentos. Primeiramente, o artigo trata do histórico da pedagogia da alternância no Espírito Santo. O segundo momento trata dos princípios da pedagogia da alternância, complementados com o plano de formação como ferramenta e guia para a formação integral, e com os instrumentos pedagógicos utilizados na pedagogia da alternância. A terceira parte traz a metodologia utilizada para identificar os

impactos do projeto profissional e, por último, apresenta os resultados e as discussões dos depoimentos colhidos no grupo focal.

A pedagogia da alternância no ES

A Pedagogia da Alternância surgiu no sudoeste da França em 1935. Essa experiência nasceu da organização de famílias de agricultores em busca de uma educação contextualizada e alternativa para seus filhos. Naquela época, essa pedagogia deveria ser uma mistura de formação geral e profissional, de acordo com as condições dos jovens e famílias (SILVA, 2003).

Paolo Nosella (2012) afirma que as ações reflexivas dos estudantes eram feitas nas comunidades com atuações religiosa, social e econômica com a intenção de provocar melhorias para o lugar. Então, em respeito à dinâmica da vida no campo, foi criada a fórmula da Alternância, em que os jovens ficariam reunidos por alguns dias no mês, inclusive pernoitando, e, após os dias de estudo, voltariam para as unidades produtivas. Em 1937, o número de estudantes já havia crescido e os pais fundaram uma associação do tipo sindical para adquirir uma propriedade em Lausanne, na França. Assim foi a gênese da primeira *Maison Familiale Rurale* (Casa Familiar). Em 1942 já existiam 17 casas espalhadas pela França.

No Espírito Santo, a partir da atuação do padre jesuíta Humberto Pietrogrande, teve início a Escola Família Agrícola (EFA) em Pedagogia da Alternância. Como mantenedor das escolas, foi criado em 1968 o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), entidade filantrópica voltada para a promoção de educação, de saúde e de ação comunitária no meio rural capixaba (STANGE, 2011).

Em meados da década de 1970 é iniciado o processo de expansão para outros estados brasileiros por meio de diversos intercâmbios no Espírito Santo e na Europa.

De acordo com Stange (2011), em 1972 foi criada a Escola Família Agrícola do Bley, em São Gabriel da Palha, situada no noroeste do Espírito Santo, um município referência na agricultura familiar e na produção do café. A escola foi construída no terreno doado pelo agricultor Eduardo Glazar, prefeito da cidade na época, e fundada por meio de articulação entre a pastoral social da Igreja Católica de São Mateus e os sindicatos e as famílias organizadas com a ajuda do MEPES. Na Escola Família Agrícola do Bley somente a partir do ano de 2001 deu-se início ao ensino médio profissionalizante com o curso técnico em Agropecuária (STANGE, 2011).

No documento de Santa Helena, uma das primeiras formulações para a adaptação das experiências estrangeiras ao Brasil da Pedagogia da Alternância, foram traçados os objetivos das EFAs do MEPES. Entre os objetivos específicos pensados pelo conjunto de

monitores há a orientação para a vocação profissional a fim de instruir os jovens social, cultural e politicamente para a vida, com o propósito de que se tornem participantes da sociedade democrática. Essa orientação persiste até os dias atuais (NOSELLA, 2012).

Princípios da pedagogia da alternância

A dinâmica da alternância obedece a um ritmo intercalado de momentos na escola e momentos no meio socioprofissional. Essa alternância não é somente a justaposição de momentos de estudo e de trabalho sem fazer ligação entre os dois ou priorizando uma das duas formações, mas uma ligação integral, como se os dois tempos, um mais teórico e um mais prático, fossem um único tempo formativo.

A construção histórica da Pedagogia da Alternância foi tomando diversas facetas em lugares com culturas diferentes. No entanto, todas as escolas adotaram alguns princípios únicos. De acordo com Gimonet (2007), são quatro os princípios ou pilares da Pedagogia da Alternância: o primeiro é a gerência do agricultor na escola. Pois, desde o início, as famílias exerceram a gestão da escola, decidindo e participando a partir de uma associação.

O segundo pilar é o desenvolvimento sustentável, ambientalmente correto e solidário do meio, sendo a escola fomentadora de tecnologias e técnicas viáveis que não agredam ao meio ambiente. A formação profissional, integral e humana do ser é o terceiro pilar.

O quarto pilar é o método pedagógico desenvolvido pela Alternância para promover o diálogo com a realidade do jovem camponês. A formação baseada na vida necessita de ferramentas que possibilitem essa função. Essas ferramentas integram os diferentes tempos de aprendizagem a partir da ação e reflexão, organizam o roteiro formativo dos estudantes por intermédio da experimentação no seu meio socioprofissional e, principalmente, dá sentido à alternância como método. Esses instrumentos estão no plano de formação.

Plano de formação – educação própria e apropriada para camponeses

O plano de formação é o documento norteador para a instrução global dos estudantes das EFAs. Conforme Gimonet (2007, p. 76), esse “é uma ampla arrumação coerente da formação da educação e da orientação do alternante”. É o conjunto sistematizado do percurso formativo, tem os objetivos, as etapas, as atividades e os tempos da formação. Também leva em consideração a contribuição de todos os parceiros formativos como monitores/professores, agricultores e mestres de estágios.

Sendo assim, é um documento que engloba os temas de estudos, as atividades e conteúdo de cada unidade de formação. Visa a formação integral do estudante levando em conta todos os aspectos da formação geral e profissional para que o jovem adquira uma

formação e uma qualificação para o emprego, desenvolvimento do meio e/ou a continuidade dos estudos (GIMONET, 2007).

Dentro do plano de formação, os chamados “conteúdos vivenciais” servem como base para os conteúdos das disciplinas do currículo comum, criando uma relação dialética dos diferentes tipos de conhecimento. Oliveira (2007) considera pontos que favorecem a formação integral dos estudantes: as vivências afetiva, religiosa, política, esportiva e lúdica no meio sociocomunitário e o acompanhamento, a integração e a aprendizagem no meio escolar.

O plano de formação é organizado por meio de temas geradores que estão ligados a fragmentos da realidade agropecuária e social. Esse tema gerador é o eixo para os conteúdos vivenciados e os conteúdos trabalhados nas disciplinas. Paulo Freire diz que esses temas geradores podem se desdobrar em infinitas possibilidades:

A investigação do tema gerador que se encontra contido no universo temático mínimo (os temas geradores em interação), se realiza por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo (FREIRE, 2015, p. 134).

Na Alternância, o plano de formação, construído a partir dos Temas Geradores, tem como base os instrumentos pedagógicos/atividades vivenciais e as disciplinas, formando um ensino voltado para a integralização do ser humano.

Instrumentos pedagógicos da pedagogia da alternância

Um importante instrumento pedagógico da Pedagogia da Alternância e, também, utilizado como método-guia é o plano de estudo. Esse instrumento compõe-se de um roteiro de pesquisa participativa que possibilita observar e analisar vários aspectos da realidade comunitária e regional do estudante. É o instrumento central da PA, que faz a ponte com a vida profissional, social e política do jovem camponês.

A avaliação final é outro instrumento utilizado na Pedagogia da Alternância tendo como ponto de partida o meio e como objetivo o aprofundamento do estudo sobre a realidade, e o despertar profissional. São temas da Avaliação Final a família, a comunidade, as atividades profissionais, as profissões e a unidade produtiva (MEPES, 2018).

Dois outros instrumentos pedagógicos essenciais para a formação heterogênea são as viagens/visitas de estudo e os estágios. A visita/viagem de estudo tem como função observar, conhecer e comparar uma realidade diferente da EFA e de seu meio socioprofissional como, também, dar ênfase a uma realidade vivenciada pelo estudante que diga respeito ao tema que esteja estudando.

Já o estágio obrigatório é um elemento importante para a formação técnica e profissional dos jovens, visto que serve como elemento de estudo da prática, pois não é

somente o trabalho em uma unidade produtiva. É feito também um aprofundamento científico pelos estudantes a partir de uma situação-problema observada durante o estágio e detectada durante o período em que estão na escola. Essas atividades descritas têm como objetivo trazer elementos e informações da realidade juntamente com o aprofundamento científico.

Todo esse percurso formativo é essencial para a formulação do último instrumento construído pelos estudantes da Alternância: o Projeto Profissional do Jovem (PPJ). Trata-se da atividade de conclusão do curso Técnico em Agropecuária da EFA do Bley na qual o estudante projeta para a sua realidade uma ação produtiva.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada na Escola Família Agrícola de Ensino Fundamental e Médio e Educação Profissional do Bley, localizada no Córrego Bley, em São Gabriel da Palha, município localizado ao noroeste do estado do Espírito Santo.

Para alcançar os objetivos propostos, foram utilizados os seguintes meios para coleta de dados: pesquisa bibliográfica com análise e interpretação das referências a partir de livros, teses e dissertações; pesquisa documental dos registros internos da Escola Família Agrícola de Ensino Fundamental e Médio e Educação Profissional do Bley; e, ainda, a realização da técnica de grupo focal com os estudantes egressos do curso técnico em Agropecuária da referida escola, com perguntas previamente elaboradas para a preparação da intervenção.

A escolha dessa técnica levou em consideração a observação da pesquisadora Trad (2009), para quem a técnica do grupo focal é útil para a coleta de dados e tem sido amplamente utilizada como metodologia nas pesquisas sociais. Trata-se de um procedimento de pesquisa qualitativa que fornece dados por meio de entrevistas e debates grupais.

O grupo focal pode, também, ter propósitos de preparação para outros tipos de pesquisa, sendo um instrumento de captação de informações. Da mesma forma, o número de participantes deve variar entre seis e quinze pessoas, a depender das necessidades de informações a serem coletadas e deve ser homogêneo no aspecto que permita o cumprimento de seu objetivo (TRAD, 2009).

Foi disposto como local para a realização do grupo focal uma sala na EFA do Bley, no período em que os estudantes não estavam na escola, por proporcionar fácil acesso a todos os participantes e tranquilidade para a realização do grupo sem interrupções indesejadas. As cadeiras foram colocadas em círculo para que cada participante tivesse a oportunidade de ouvir e visualizar o outro.

Foram convidadas oito pessoas, todas estudantes egressos do curso técnico em Agropecuária da EFA do Bley que aplicaram o projeto profissional do jovem nas suas unidades produtivas depois de finalizarem o curso. Para a realização do grupo focal foi elaborado

previamente um roteiro de debate com alguns tópicos e questões chaves para nortear a discussão de forma que fosse permitida flexibilidade para que a discussão não ficasse engessada.

Dos oito convidados, três eram mulheres e cinco eram homens entre 19 e 27 anos. Dois trabalham em lojas agropecuárias, um é professor e os demais são agricultores. Todos se formaram entre 2007 e 2017 e residem nos municípios de São Gabriel da Palha, Vila Valério ou São Domingos do Norte, localizados na região noroeste do Espírito Santo.

O grupo focal foi pensado e executado para que todos pudessem relatar suas experiências na aplicação do Projeto Profissional do Jovem da escola e os impactos que esse projeto proporcionara em suas vidas. Para a discussão dos dados, os nomes foram substituídos para não expor os participantes.

Resultados e discussão

O Projeto Profissional do Jovem, também chamado de Projeto Produtivo ou Projeto de vida, é o trabalho de conclusão do curso técnico em Agropecuária da EFA do Bley. A ideia central do PPJ é a de que o jovem projete e crie oportunidades por meio do planejamento de uma atividade produtiva, aproveitando as potencialidades de seu meio socioprofissional de maneira que seja aplicável economicamente dentro dos princípios da tecnologia mais apropriada para a unidade produtiva.

Nesse contexto, o roteiro do grupo focal ocorrido no dia 08/10/2018 na EFA do Bley foi estabelecido para investigar, a partir do projeto profissional elaborado na escola, quais seriam os impactos decorrentes na autonomia e emancipação econômica e social dos jovens. No grupo focal realizado, os oito estudantes egressos disseram que, ao escolher a atividade profissional que implantariam em suas unidades produtivas, levaram em consideração atividades que, de alguma forma, já existiam na família, como a jovem Valéria¹:

A gente precisou conversar várias vezes com a família para chegar a um acordo, qual seria o melhor, pra poder tá fazendo o projeto. Tiveram vários que a gente pensou, só que o melhor para a família naquele momento era fazer o de avicultura de corte. Ele foi escolhido porque a família já tinha um pouco da criação de galinha e como já fazia feira pensou em tá aumentando a criação pra poder tá vendendo na feira a carne da galinha² (VALÉRIA, 2018).

Ou a viveirista Thais:

Meu pai foi viveirista entre os anos de 1985 a 2000. E aí quando eu me formei, no ensino fundamental, na 8ª série, que foi em 2003 já vinha esse interesse de também montar esse viveiro por conta do trabalho que meu pai já vinha

¹ Todos os nomes dos entrevistados são fictícios.

² Optou-se por manter a linguagem utilizada pelos entrevistados no grupo focal.

trazendo, mesmo que já tinha uns cinco anos que ele já estava parado. A ideia a princípio não era mexer só com café, porque na época o meu pai só mexia com café. Então, o meu interesse era ter o viveiro, mas que fosse um viveiro diversificado (THAIS, 2018).

Tanto Valéria quanto Thays iniciaram seus planos juntamente com a família, mas isso não anulou a participação importante das duas nas decisões.

Segundo Frossard (2018), na elaboração do PPJ o estudante precisa procurar o melhoramento das atividades desenvolvidas pela família, prezando pela diminuição dos impactos ambientais, dando predileção a tecnologias alternativas em consonância com as questões ecológicas. As técnicas e práticas planejadas no Projeto devem ser preferencialmente não predatórias do meio ambiente nem prejudiciais à saúde do solo e das plantas.

De acordo com dados de 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em São Gabriel da Palha – ES, 87% dos estabelecimentos agropecuários utilizavam agrotóxicos. No município vizinho, Vila Valério, quase 90% das unidades produtivas aplicam defensivos agrícolas químicos em suas lavouras. Sendo assim, quem opta por elaborar o projeto profissional faz um contraponto interessante à agricultura convencional, pois não privilegia o uso de máquinas e implementos, o uso de insumos químicos e corretivos do solo e o manejo com plantas geneticamente modificadas.

Ao serem questionados se o projeto profissional contribuía para uma agricultura sustentável ou até para a transição agroecológica, todos os participantes do grupo focal concordaram afirmativamente. Em relação a essa pergunta, o estudante egresso Rodolfo falou que trabalha na tentativa de fazer uma agricultura alternativa:

Todo mundo naquela região, na comunidade, pratica essa técnica convencional, que é o uso intensivo de insumos e agrotóxicos. Então, a ideia do meu projeto era amenizar essa situação, trabalhar mais com o solo, com matéria orgânica e tal. E também utilizar produtos alternativos pra poder tá lidando com pragas e doenças, de fugir um pouco do cotidiano que as pessoas praticam (RODOLFO, 2018).

Todos os participantes do grupo focal demonstraram priorizar práticas diferentes das convencionais na elaboração e na aplicação do projeto. Um olhar diferente do estabelecido é uma transformação considerável para estudantes que estavam acostumados a práticas convencionais.

De acordo com Nosella (2012), o primeiro objetivo das EFAs foi a educação contextualizada para camponeses, a fim de que eles pudessem exercer da melhor maneira a profissão de agricultor. As EFAs já nasceram como uma crítica à escola tradicional, que é transmissora verticalizada de conhecimento urbanizado, distante da realidade dos camponeses, hierarquizando os tipos de conhecimento e defendendo os valores de quem reproduz a exploração dos trabalhadores

Thays, assim como os outros estudantes egressos, procurou programar seu projeto como um caminho para a diversificação agropecuária entendida como estratégia para fugir do padrão agropecuário, sendo mais uma demonstração de um olhar diferenciado para além do que é comum nas atividades agropecuárias. Sobre a diversificação em seu projeto, Thays disse:

Até entre as pequenas propriedades mesmo, né. Porque a gente é pequeno produtor, a gente não é fazendeiro. Então fazendeiro, hoje, tem perto, mas a gente sabe que é só café, ou é só café e coco, ou é só café e pimenta. Então, entre a gente aqui se pode considerar que facilita muito. Igual, por exemplo, com o viveiro, hoje, a gente hoje está com um projeto com alguns agricultores entregar mudas nativas e frutíferas através do financiamento mesmo, né, pelo banco. E, se eu não me engano, banco hoje só libera o dinheiro se você tiver com uma área reflorestada já plantada. E para mim emitir a nota para o produtor hoje eu preciso também entregar a muda. Então, de alguma forma isso ajuda porque nossos pais, nossos avós desmataram tanto para ter a nossa lavoura hoje, a lavoura que eles cultivam e que hoje está voltando a reflorestar por conta do financeiro. Então, pra mim que faço muda, hoje também é bom, porque a ideia de ter um viveiro diversificado, eu tô conseguindo ter isso hoje (THAYS, 2018).

O PPJ é o instrumento pedagógico que integra todos os conhecimentos trabalhados, tanto nas disciplinas da base comum quanto o reconhecimento dos saberes acumulados durante o curso profissionalizante.

Durante o debate no grupo, os participantes falaram sobre os conhecimentos que os ajudaram a elaborar o Projeto. Ao visitar uma propriedade para a realização da atividade da Avaliação Final, Carlos percebeu o desafio do excesso de umidade do solo argiloso que prejudicava as plantas. Ao retornar à escola, realizou uma pesquisa sobre os tipos de solo e as prováveis soluções para o problema. Esse conhecimento foi essencial para a projeção no Projeto Profissional de horta de Carlos, pois o solo da propriedade de sua família apresentava o mesmo desafio. Desse modo, as atividades realizadas durante o percurso formativo do curso de técnico em agropecuária foram importantes para o planejamento do Projeto.

Eu lembro que na avaliação final que eu fiz da primeira série, um dos problemas que a gente identificou na propriedade que a gente fez foi justamente o problema de solo muito argiloso, que é compactação, excesso de umidade. Aí o meu solo acabou apresentando aquelas características, aí então na hora que eu fui planejar a minha atividade eu lembrei que tinha que melhorar essa condição do solo, aí fiz um manejo com matéria orgânica, inicialmente. A pobreza do meu solo acabou não sendo um problema, e era, acabou não sendo. Por isso que eu acho esse caso é um exemplo que me ajudou muito (CARLOS, 2018).

No processo de elaboração do projeto também é realizado estágio em uma propriedade que tenha modelo de produção de acordo com a atividade produtiva escolhida, para que o estudante tenha um exemplo prático da atividade produtiva.

Ao relatarem o estágio obrigatório, uma experiência que, durante o curso, antecede o projeto, todos os participantes do grupo falaram sobre a importância de terem realizado e

vivenciado experiências práticas, mesmo que em realidades diferentes. Sobre isso, a jovem Maria Fernanda afirmou:

O estágio que eu realizei foi na casa dos pais de uns militantes da Pastoral da Juventude Rural nossa, e lá é muito bacana! A estrutura e aquilo ali deu um ponta pé pra eu pensar, era agricultura familiar, mas eles têm uma associação, eles não trabalham na questão de gaiola, já os outros [em] que ele levou a gente, eu lembro pra visitar já era gaiola. Mas foi muito bom, que lá eu tive uma visão diferente, né. Que eu tinha a visão das gaiolas até então e o mais diferente seria aqui da escola. Então lá abriu (sic) muitos horizontes, eu acho que o estágio foi um ponto muito importante, de eu viver na prática, apesar de ter aves em casa, de postura, as “pé duro”, mas abriu os horizontes pra mim (sic) conseguir enxergar e projetar de forma melhor (MARIA FERNANDA, 2018).

O trabalho é um processo educativo, pois cria novas aprendizagens. Frigotto (2001) nos traz que o trabalho é um elemento humano que domina e transforma a natureza e acaba transformando a si mesmo. Para os participantes, a vivência e o trabalho estimulado pela escola, por meio do estágio, foram importantes na hora de aplicar o projeto. Ficou evidente, após os relatos registrados, que o estágio cria novas aprendizagens e contribui para o conhecimento prático, tão importante para a elaboração de um projeto viável.

Agora eu acho que o projeto ele é um instrumento que necessariamente vai ter que fazer essa relação teoria e prática, e que no final ele precisa gerar a tal da viabilidade, pela filosofia do curso, é uma viabilidade não só econômica, mas uma viabilidade também social e ambiental. Então a gente percebe assim que se o estudante não estiver ligado na vivência da atividade nos seus miúdos, esse vai ter mais dificuldade de criar um projeto viável. Você vai planejar o café, aí os meninos chegam à seguinte pergunta: quanto tempo eu gasto pra desbrotar um pé de café? Então, se você não tem vivência ou não conseguiu dar conta disso, por exemplo, nos períodos de estágio, é algo que você vai barrando nesses detalhes, e qualidade da sua projeção acaba não ficando legal (CARLOS, 2018).

Um dos diferenciais do projeto é que, ao se articularem diversos tipos de saberes, a possibilidade de viabilidade se torna maior. Essa viabilidade também está ligada à escolha da atividade produtiva a ser planejada. Os monitores estimulam os alunos a escolherem atividades que estejam mais diretamente ligadas à economia rural e à vivência camponesa, a fim de garantir uma orientação profissional mais eficaz e possibilitar uma rentabilidade para a unidade familiar desses jovens.

Nesse contexto, dos oito participantes, três escolheram o projeto de avicultura de postura, um de avicultura de corte, um de bovinocultura leiteira, um de cafeicultura e uma de viveiricultura. Percebe-se que todos caminharam para a escolha de atividades ligadas à economia rural.

Para a efetivação do PPJ, após a escolha da atividade produtiva a ser planejada, o passo seguinte é a orientação do prognóstico, que é um conjunto de impressões e hipóteses sobre o tema feito a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes, expressando diversos aspectos (climático, tecnológico, mercadológico, social) em volta da realidade do tema. O

estudante deve descrever a realidade socioeconômica do município, da comunidade e da unidade produtiva a fim de iniciar uma ideia geral da viabilidade do projeto.

A partir do prognóstico, deve ser formado um mapa conceitual para a organização do aprofundamento científico e prático.

Posteriormente, inicia-se a descrição inicia-se a preparação de uma ficha técnica chamada de situação natureza do projeto. O estudante é orientado a escrever sobre a localização de atuação do projeto: endereço detalhado, croqui e planta baixa da propriedade. Devem-se verificar os aspectos legais de necessidade para a implantação como contratos trabalhistas, legislação ambiental e etc, além de acrescentar o público atingido e o nicho de mercado.

A próxima etapa a ser cumprida é o planejamento de todas as atividades, que deve conter descrição e detalhamento técnico das etapas de implantação, formação e condução. O detalhamento técnico consiste no plano e na descrição de técnicas agrícolas e gestão do projeto, que versa em determinar os aspectos de administração, controle contábil, jurídico, recursos humano e etc.

Dessa maneira, os estudantes realizam todas essas etapas e, ao final, nas últimas semanas letivas do curso, fazem uma apresentação em que são avaliados todos os aspectos da formação integral de um jovem.

O estudante é o protagonista do início ao fim da elaboração do projeto e a ideia é que ele seja protagonista, também, na aplicação e na manutenção do mesmo. A execução do PPJ não é obrigatória e se realiza depois que o estudante conclui o curso técnico em Agropecuária. Porém, o apoio financeiro e familiar é necessário para os primeiros passos da materialização do Projeto.

Além disso, de acordo com Santos e Pinheiros (2005), para a implantação é preciso vocação de agricultor profissional, conhecimento e visão empreendedora. Entretanto, para os egressos, uma das principais motivações que levou à implantação do projeto foi obtenção de renda, como diz Maria Fernanda:

Lá era a renda, eu lembro que na época tinha o PNAE, ainda se comprava né, não exigia tanto essa questão da regularização, sanidade e tudo mais. Não tinha essa questão. Eu lembro que tinha essa questão do PNAE, a questão da renda pra família e pra ter uma nova criação que lá na propriedade tinha, mas era pouquinho coisa, era só pra consumo, mas pra de fato pra vir pra diversificar ali né ter outras possibilidades. Mas motivação pode se dizer que foi a renda que a gente estava engajado (sic) no movimento social, por via dele a gente fazia as entregas do PNAE, acho que motivação foi isso. A família também foi muito de acordo, ajudou muito, também porque era interesse de todos, não só interesse meu, era da família (MARIA FERNANDA, 2018).

Um dos desafios listados pelos jovens ao iniciar a implantação do projeto foi o financiamento com recursos próprios ou com recursos emprestados. Para este fim, temos o

Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que é um programa de aquisição de alimentos para a merenda escolar existente no Brasil desde 1954. É um importante programa de comercialização para os agricultores. Há também o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) para escoar a produção. Esses dois programas foram utilizados como principal fonte de financiamento e escoamento nos projetos de Maria Fernanda. Mas, não foi a realidade do jovem produtor Zenaldo:

Acho que o principal desafio é falta de recurso mesmo, da gente poder falar “vamos reservar isso aqui pra algo”, seria bom se tivesse um dinheiro. Falar: vou gastar daqui, para o final eu ver como é que foi meu resultado em cima de tudo aquilo que eu planejei, mas não é assim, você vai botar em prática, não é assim, você tem que se dar o máximo para conseguir fazer atividade tudo. Igual o meu, eu ia fazer um galinheiro, tive que aproveitar uma casa velha, cerquei em volta dela, aí tive que aproveitar o máximo das coisas para não poder gastar (ZENALDO, 2018).

Outros desafios enfrentados na aplicação e na manutenção do projeto foram: planejamento, burocracia, falta de locais de comércio e de mão de obra qualificada e especializada.

As vantagens de aplicação do projeto mais destacadas no grupo focal foram justamente as que afirmam o seu papel de técnico, agindo também como elemento de afirmação enquanto jovens profissionais.

Olha, eu gostei bastante, que tinha no projeto também, é igual à questão de fazer essas análises de solos, que você tem que fazer anualmente, sempre a família tinha o costume né, de fazer e levar lá na cooperativa, lá tinha um técnico que fazia recomendação de correção para solo em nossa propriedade, então a gente seguia aquilo, a recomendação do técnico da cooperativa. Depois me formei e eu passei a fazer aquilo, né, assim você se sente. Porque você vê um técnico como uma pessoa bem estudada, você conseguir fazer aquilo ali, que é uma coisa cheia dos cálculos, dos códigos, aquilo é uma questão, é bem satisfatória, tanto pra gente, quanto pra família da gente vendo a gente fazer aquilo ali (ARTHUR, 2018).

A apropriação de técnicas como a leitura de nutrientes do solo destacados pelos participantes do grupo focal são componentes essenciais na formação de um técnico em agropecuária extensionista. Para Freire (1977, p. 36), no cotidiano com o camponês, o extensionista deve ser um “educador-educando”, e não impor seus conhecimentos, “não pode ser o de adestramento, nem sequer o de treinamento dos camponeses”. A relação deve ser de diálogo, de conscientização e de aprendizado também.

Essa questão da extensão rural, porque a gente passa a fazer algo que a visibilidade é da família, mas às vezes da comunidade também, entendeu, então você acaba, em certa medida os agricultores percebendo, que aquilo é algo: Olha, o cara conseguiu fazer algo que deu certo. Tá planejado, tá organizado, então isso acaba ganhando uma credibilidade (CARLOS, 2018).

A fala de Carlos reforça a ideia de que ser um jovem extensionista apropriado de conhecimentos técnicos gera credibilidade na família e na comunidade, colaborando para a construção de autonomia social.

O projeto profissional, ao ser aplicado, estabeleceu um processo de colaboração mútua, por meio do trabalho, entre as famílias e os jovens do grupo como mostram as falas de Arthur e Fábio. Ao serem questionados se o projeto havia gerado renda, todos foram acordes, uns com menos intensidade, outros com mais.

O jovem camponês Arthur disse:

Pra gente lá, eu acho que é assim uma das mais importantes. A gente tem também o café, mas não é assim grande produtor de café nem de pimenta. É uma atividade que, falar assim, vem arrastando, vem mantendo nós aí já há um tempo. Igual passamos por um tempo difícil de questão de falta de chuva, né. Aí em questão do café nós ficamos dois anos, e não colhemos nada, nem uma saca de café, nada. Mas também não passamos necessidade, né, ainda conseguimos manter o gado, com muito sacrifício também, por causa das pastagens, mas conseguimos manter. E foi com a rendazinha ali da venda do leite que a gente conseguiu ir pagando as contas até melhorar tudo de novo, até voltar a chuva (ARTHUR, 2018).

O estudante Fábio ratificou também a questão de a renda ser destinada para a família, não somente para o jovem:

Deu uma renda até boa, no início. Porque a renda lá da nossa família, sempre é da família, não é pra um só, porque sempre foi pra tentar a melhoria da própria unidade produtiva, da própria propriedade, o retorno é sempre familiar. Foi por um período bem curto, nós ficamos tendo lucro lá em torno de uns seis meses. Só que depois os gastos eram maiores que os lucros. O dinheiro ajudou a pagar minha festa de casamento (FÁBIO, 2018).

Ao tentar explicar os motivos que levam ao jovem deixar o campo, Rabello, Oliveira e Feliciano (2014) destacam que o jovem camponês está sujeito a trabalhar para gerar renda familiar e não somente para si. No caso dos jovens do grupo focal, o projeto foi a renda/atividade principal da família de Arthur, 22 anos, e de Thays, 28 anos e colaborou para a autonomia financeira de todos.

Todos os produtos gerados pelos projetos foram comercializados, pois a intenção sempre foi essa, como disse o egresso Zenaldo: “todo mundo acho que implantou com intenção de comercializar. Todo mundo pensando no comércio”. O objetivo da agricultura nos tempos atuais seria o do direcionamento do produto ao comércio e não somente à subsistência da família.

Thays levou suas mudas para além da comunidade:

O registro do viveiro, ele tem essa vantagem de poder comercializar minha muda para qualquer estado. Mas eu falo o que vendia mais longe de mudas que a gente já enviou foi sábado passado, foi para Araçuaí que fica a 600 quilômetros daqui, que é Minas Gerais, foi (sic) mudas de açaí anão. Então o registro me permite isso, né. Mas a maioria é próximo, Colatina, São Gabriel,

Pancas, (Vila) Valério, fica ao redor aqui mesmo Rio Bananal a Linhares (THAYS, 2018).

O comércio na comunidade gerou reconhecimento para Carlos:

Eu lembro que na comunidade você passa a dar visibilidade a uma atividade e também é um alimento que a comunidade precisa, isso acaba gerando sim uma condição. Meu projeto mobilizou a comunidade. Vou falar assim exemplos quando eu estava me preparando pra fazer meu projeto eu fui ao mestre de estágio e ele falou assim: “Eu fui chamado de doido por muitos agricultores daqui porque eu arranquei uma área de café e fiz horta”. E lá em casa nós fizemos a mesma coisa, nós arrancamos uma lavoura de café e fizemos horta, e as pessoas começaram a perceber que aquilo deu uma renda legal. Lá na comunidade três pessoas começaram simultâneas a trabalhar com horta, gente que nunca tinha nem sequer uma hortinha de fundo de quintal. Eu não posso afirmar que foi por causa da gente, mas eu sei que nossa família foi uma das primeiras na comunidade, então acabou assim de alguma forma deve ter motivado (CARLOS, 2018).

Outro ponto notório no grupo focal foi a ligação entre o comércio realizado na comunidade e o reconhecimento da vocação profissional como agricultores. Outro destaque nos depoimentos foi o reconhecimento por parte das famílias, que passaram a enxergar o jovem como protagonista dentro das decisões da família:

No meu caso, lá, né. Eu acho que dentro da família, centro da família, né, para você conquistar um espaço ali dentro da família, como você é novo, igual eu me formei estava com 18 anos, 19 anos, implantando o projeto. Tem o pai, né, que é a figura ali, né, que manda, que aponta qual o caminho e você querendo conquistar um espaço ali. Aí o projeto veio ajudar assim, porque eu tendo o conhecimento, tendo feitas pesquisas, os estágios, eu tinha com o que contribuir. Então mudava o olhar que ele tinha sobre mim, no caso, sobre a minha pessoa que eu também poderia contribuir muito, né, ou se uma coisa que ele achava certo ter a discordância para chegar a concordar no fim, pra chegar na melhor solução (ARTHUR, 2018).

Com Carlos ocorreu também um reconhecimento profissional:

E gera um reconhecimento da gente enquanto profissional, porque a gente se forma na escola enquanto técnico em agropecuária, e as pessoas ficam atentos (sic) a isso, “olha que profissional tá ali!”. Então de qualquer forma ajuda a justificar essa nossa formação. Até a gente fazer a nossa avaliação é uma condição técnica, de você pensar “não deu certo, mas não deu certo por quê?” Melhorou o reconhecimento enquanto profissional, mesmo que cobrava muito, mas também tinha uma tensão da própria família pra que a gente fizesse, acho que isso também nos motivou (CARLOS, 2018).

Ao serem questionados se se sentem mais capazes de assumir a gerência de uma atividade profissional depois do Projeto Profissional, os jovens concordaram que sim e destacaram a coragem ao tentarem ser protagonistas na administração de um projeto.

Dá visão melhor, né. Agora, depois desse projeto que você sabe, você tem que pesquisar na teoria, você tem que ter uma documentação, você tem que ter várias coisas. Se a gente não tivesse feito o projeto talvez a gente ia meter a cara e quebrar logo, né. Uma visão melhor (VALÉRIA, 2018).

Sobre tudo na capacidade de você administrar algo, hoje eu tenho coragem, tanto que hoje a gente tem vários projetos. A briga hoje com os meus irmãos é pra ver quem vai trabalhar, é pra dividir as tarefas. Agora do ponto de vista técnico, eu tenho muita confiança, tanta confiança que pegamos um empréstimo e implantamos outro projeto, outra atividade da cafeicultura, nós temos o plantio de pimenta junto (sic) (CARLOS, 2018).

Em relação à realização pessoal os jovens apontaram alguns elementos bem interessantes:

Olha, pra mim, falando assim de mulher, foi autonomia mesmo, de eu ser minha própria gerente, minha própria funcionária, o trabalho é meu hoje, né? Então eu gerencio isso. Para mim na época foi difícil porque quem estava comigo era meu pai, até a gente pegar a prática mesmo e passar a conhecer o café, a pimenta, o coco, a lichia, frutas, as nativas, as ornamentais, e conhecer é curiosidade, né? Em função também das culturas foi difícil, mas eu consegui. Eu falo que autonomia para eu sonhar foi a melhor parte, de tomar conta desse projeto quase, como diz meu esposo, sozinha mesmo, porque eu estou com ele, né. Porque ele tem a função dele de trabalhar na prefeitura durante o dia, então o viveiro é comigo e aí eu consegui para mim foi muito bom (THAYS, 2018).

Em seu artigo sobre os projetos de jovens agricultores do município Feliz, cidade do Rio Grande do Sul, Weisheimer (2007) concluiu que o gênero influencia na escolha dos projetos de vida e profissão: o menino assume mais a condição de herdeiro e se responsabiliza mais pelo trabalho agropecuário, enquanto as meninas se encarregam do trabalho doméstico ou são estimuladas a estudar como forma de ascensão social ou apenas como meio de reprodução em um espaço urbano.

No decorrer dos anos, essa situação vem mudando. Vê-se aqui uma figura feminina que assumiu o trabalho agropecuário na propriedade, sendo um exemplo de que é possível uma mulher dar continuidade a uma atividade da família no campo.

Contando a experiência lá da minha família nós somos quatro filhas. Então me formei, casei e montei o viveiro com meu esposo. Não tinha roça e até hoje não tenho. Então já são 10 anos sem roça, mas tendo viveiro na propriedade do meu pai. Eu falo assim, ainda, que foi a mais esse desafio e também por considerar que meu pai talvez tivesse fazendo uma prova, né comigo, criou quatro filhas na roça e aí vai encarar, né, porque querendo ou não é um serviço pesado, é um serviço que você fica o dia inteiro, é igual ficar na roça, igual você estar capinando, você fica no sol, é você que tá ali tomando conta, é irrigação que deu defeito, é você que tem que ligar para o cara lá mexer, faltou energia, se tem clone novinho você tem que dar seus pulos, mas eu dei conta do recado sem homem, sem ajuda nenhuma. Então pro (sic) meu pai eu imagino que foi bom porque criou quatro filhas e realmente hoje, eu como filha mais velha, é (sic) a única que tô na roça, a única que estudou na Escola do Bley. Então, querendo ou não meu pai ainda conseguiu que alguém ficasse na roça, mas também certo interesse particular meu, né. Mas foi bom (THAYS, 2018).

Um tema muito associado à juventude camponesa é o êxodo rural para o meio urbano. Castro (2012) explica que os motivos de tal migração são atribuídos como estratégia

familiar. Por exemplo, a migração como saída para aquele filho que não recebeu terra, ou como forma de ruptura com a autoridade paterna.

Sobre isso, feita a pergunta se o Projeto Profissional possibilita a permanência maior no campo todos responderam positivamente:

Eu acho que sim, principalmente pelo nosso protagonismo. Porque a gente se integra na propriedade, a gente vê as possibilidades, vê que é possível, e não quer outro caminho, porque ali de fato você consegue se realizar pessoalmente. Eu acho que rola muito da galera ficar, tanto que eu vejo que muitos estudantes que saem da escola permanecem na propriedade, poucos são os que não permanecem. Acho que o projeto profissional é uma atividade final muito esperada, você já sai do terceiro ano já pensando no projeto. Isso já te dá uma força pra você projetar alguma coisa pra sua propriedade. Quando você tem oportunidade de implantar é quando você permanece no campo (MARIA FERNANDA, 2018).

A implantação do projeto tá muito relacionada com a sua perspectiva do futuro, a implantação tá relacionado (sic) diretamente com a sua perspectiva de permanência no campo. Independente da área que depois a gente escolhe, que a implementação do projeto tá relacionado com isso, mas independente da área acho que é esse o sentimento que fica. E talvez é o grande objetivo da Educação do Campo, que a Pedagogia da Alternância faz. Já houve uma época que nós falávamos num termo muito autoritário, que era fixar a pessoa, parece que a pessoa está plantada no lugar e como algo meio que obrigatório. Na verdade, é uma opção. E acho que o projeto profissional, ele gera a permanência no campo como uma opção e não como uma obrigação (CARLOS, 2018).

Pelas falas dos participantes pode-se perceber que a educação tem que estimular o protagonismo, como disse Maria Fernanda, e oferecer um sentimento de pertencimento do jovem através da ligação com a terra.

Foi destaque no grupo focal que, tanto a educação proposta pela Pedagogia da Alternância quanto a aplicação do projeto, foram realizadas na base do diálogo e participação entre os três parceiros: estudante, família e escola, gerando assim um processo de reflexão a partir da ação desses jovens.

Conclusão

O Projeto Profissional do Jovem é um instrumento pedagógico importante da Pedagogia da Alternância. Mais que uma avaliação, é uma ferramenta que pode proporcionar uma série de possibilidades para os jovens camponeses.

Pode-se destacar, ainda, a participação da família nas decisões, na elaboração, na aplicação e na manutenção do projeto. É possível afirmar que o Projeto Profissional do Jovem está muito próximo de ser um projeto da família, que acompanha o estudante desde a elaboração até a aplicação.

Constatou-se que os projetos contribuem para uma agricultura diversificada e sustentável, pois são baseados em práticas e técnicas alternativas nas propriedades. A formação escolar colabora muito para fazer um contraponto, mesmo que muitas vezes de forma sutil, para que pequenos camponeses não realizem uma agricultura convencional muito semelhante àquela dos grandes proprietários de terras.

Foi verificado que o Projeto gera renda não somente para os jovens, mas também para as famílias, pois foram criadas pequenas redes de comércio e, para alguns, o projeto virou uma das principais formas de sobrevivência. Com um destaque para as mulheres do grupo que ressaltaram o processo de reconhecimento por parte da família como agricultoras e como protagonistas de suas próprias vidas.

O Projeto também auxiliou no processo de emancipação social dos jovens, pois possibilitou outro olhar da família e da comunidade sobre esse jovem, favorecendo o amadurecimento, a capacidade de administração, fortalecendo a identidade camponesa e, principalmente, gerando outras práticas sociais a partir de uma visão diferenciada da agricultura.

Sendo assim, pode-se perceber que a finalidade desse artigo foi cumprida: a de identificar os impactos que o projeto profissional proporciona na autonomia e na emancipação econômica e social do jovem camponês. Constatou-se que todo o processo desse instrumento pedagógico da Pedagogia da Alternância provoca mudanças efetivas na vida dos jovens camponeses.

Referências

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude do campo. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 71-87, jan./jun.2001.

FROSSARD, Antônio Carlos. **Conhecendo a pedagogia da alternância**: contextualização, questões teóricas e práticas. Joinville: Clube de Autores, 2018.

GIMONET, Jean Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância nos CEFFAs**. Petrópolis: Vozes, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo agropecuário**: 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2J8qf6m>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MEPES. Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo. **Projeto Profissional do Jovem**. Escola Família Agrícola de Ensino Fundamental e Médio e Educação Profissional do Bley. Nova Venécia: EFA, 2018.

NOSELLA, Paolo. **Educação do campo**: origens da pedagogia da alternância no Brasil. Vitória: EDUFES, 2012.

OLIVEIRA, Isabel Xavier. A formação integral nos centros familiares de formação por alternância. **Revista da Formação por Alternância**. Brasília, v. 1, 2007.

RABELLO, Diógenes; OLIVEIRA, Luciano Benini; FELICIANO, Carlos Alberto. Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 15, n. 1, jul. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2Ltz3po>>. Acesso em: 30 out. 2018.

SANTOS, Idalino Firmino; PINHEIRO, João Emílio Lemos. O CEFFA e o projeto profissional do jovem. **Revista da Formação por Alternância**. Brasília, v. 1, 2005.

SILVA, Lourdes Helena. **As experiências de formação de jovens do campo**: alternância ou alternâncias? Viçosa: UFV, 2003.

STANGE, Luciane. **A contribuição do plano de curso no processo de formação da consciência crítica a partir da realidade do CEFFA Bley**. Monografia (Especialização em Economia e Desenvolvimento Agrário). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

TRAD, Leny Alves Bonfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2YhHvth>. Acesso em: 15 out. 2018.

VALÉRIA et al. **O Projeto profissional do jovem camponês**, [out. 2018]. Depoimento concedido a D. C. Martin. São Gabriel da Palha, out., 2018. 1 arquivo.mp3 (120 min.).

WEISHEIMER, Nilson. Socialização e projetos de jovens agricultores familiares. *In*: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná (Orgs.). **Juventude rural em perspectivas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

Sobre as autoras

Rosane Rosa Dias Fernandes – Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santos (UFES). Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), campus Colatina. **OrCID** – <https://orcid.org/0000-0003-2676-022X>.

Danielli Calabrez Martins – Licenciada em História. Especialista em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), campus Colatina. Professora na Educação do Campo. **OrCID** – <https://orcid.org/0000-0003-1836-207X>.

Como citar este artigo

FERNANDES, Rosane Rosa Dias; MARTINS, Danielli Calabrez. Pedagogia da alternância no Espírito Santo: o projeto profissional e os impactos na vida dos jovens camponeses. **Revista NERA**, v. 24, n. 58, p. 81-99, mai.-ago., 2021.

Declaração de Contribuição Individual

As contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelos (as) autores (as). As tarefas de concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas em grupo. O autor **Rosane Rosa Dias Fernandes** ficou especialmente responsável pelo desenvolvimento teórico-conceitual; o segundo autor **Danielli Calabrez Martins**, pela aquisição de dados e suas interpretação e análise.

Recebido para publicação em 16 de abril de 2020.
Devolvido para a revisão em 12 de setembro de 2020.
Aceito para a publicação em 15 de fevereiro de 2021.
